



NARRATIVAS SOBRE bell hooks: HISTÓRIAS DE EMPODERAMENTO FEMININO NEGRO EM FOCO

Roberta Renoir Santos Fumero¹
Paulina dos Santos Gonçalves²
Café com Paulo Freire da Fora da Asa, POA/RS

RESUMO: Lemos bell hooks em 2022 e, a partir do diálogo de 4 mulheres, participantes do Café, além das autoras, Camila Alexandrini e Sabrina Meirelles, decidimos escrever uma carta àqueles/as que lutam por uma educação antirracista.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência. Antirracismo. Feminismo Negro.

Esta escrita coletiva nasceu do encontro de quatro educadoras, o qual aconteceu nas reuniões do Café com Paulo Freire da Fora da Asa, de Porto Alegre-RS, no ano de 2022, de forma online. Nosso encontro com “Ensinando a transgredir: a Educação como prática da liberdade” (2013) da autora bell hooks, nos mobilizou a pensar, a partir de nossas próprias vivências e realidades, geograficamente distantes, mas em muitos aspectos partilhadas, a possibilidade de uma prática educativa capaz de questionar o modelo capitalista, racista e misógeno no qual nos encontramos, e construir com nossas parceiros e parceiras de caminhada, uma educação transgressora e promotora da liberdade.

Convidamos você, cara pessoa leitora, a conhecer um pouco das reflexões que emergiram desses encontros, em especial no que toca a urgência da promoção de uma educação antirracista, que eduque os brancos a reconhecerem seus privilégios e a lutar, juntamente com os negros, por uma sociedade equitativa e diversa.

Tanto a academia quanto a escola se apresentam como ambientes desafiadores e, ao mesmo tempo, potentes. Tantas vezes espaços conservadores, tantas vezes pessimistas, tantas vezes racistas. “Nutrindo-se de mudanças, o tempo de trânsito é mais do que simples mudança” (FREIRE, 1967, p.46). “Não podemos nos desesperar diante dos conflitos” (hooks, 2013, p.50) nem fugir deles, porque será

¹ Roberta Renoir Santos Fumero - Mulher Negra, Mãe do Rhyon, Professora e Supervisora Pedagogia em Duque de Caxias/RJ. Pesquisadora sobre questões étnico raciais. Integrante do Coletivo Mulheres do Ler. E-mail: robertarenoirfumero1973@gmail.com

² Paulina dos Santos Gonçalves. Educadora popular, mulher negra. Bacharel em Serviço Social, especialista em Direto da Criança e do adolescente. Mestre e doutoranda em educação na UFRGS. E-mail: paulinasantgo@gmail.com



preciso coragem e enfrentamento para que alguma mudança ocorra. É preciso urgentemente educar os brancos, então, comecemos por nós, professores.

Se a educação acontece onde há encontros, relações – e estes não se limitam aos encontros entre humanos, mas também envolvem as relações entre humanos e não humanos – uma educação significativa para as mudanças necessárias pode ocorrer em qualquer lugar. Podemos construir uma educação para a prática da liberdade nos mais variados lugares: nas comunidades, nas associações de bairros, nos grupos de leitura e tais encontros podem nos fortalecer e forjar para efetivarmos uma educação engajada, comprometida com a vida e com a diversidade.

Apresentamos agora algumas experiências coletivas de educação, que podem ser entendidas como a constituição do que bell hooks chamava de comunidade de aprendizado (2017).

A Baixada Fluminense (RJ) é uma das áreas marcadas por exclusão social e de onde surgem movimentos como o Mulheres do Ler, coletivo de mulheres que deseja difundir a literatura e as discussões em torno das temáticas sobre negritude em diferentes localidades e segmentos sociais. O coletivo inicialmente promoveu rodas de leitura de autoras negras em uma sala de Educação de Jovens e Adultos no município de Queimados, no Rio de Janeiro, na perspectiva de discussão de várias problemáticas que envolvem essas mulheres. Dessa experiência, nascem já três livros com narrativas de mulheres negras, a maioria delas docentes da rede pública.

A produção de um livro não se limita ao mero contar histórias ou colocar ideias no papel, na verdade, é um entrelace de sentimentos, aspirações, formas de expressão que propõe uma reflexão. A historiadora e escritora Amanda Guerra, autora do posfácio do livro “Mulheres do Ler” (2020), dimensiona de maneira sensível quem são essas mulheres:

São mulheres negras da Baixada Fluminense, suas experiências de vida, suas existências e persistências, a forma como lidam com as tentativas de silenciamento, inventando jeitos de se dizer, como a roda de leituras que as uniu, como esse livro as projeta. O fio que borda essas vivências, a tinta que pinta essas páginas é coragem. (GUERRA, 2020 apud. CUNHA, 2020, p. 80).

Outra experiência significativa foi a produção de uma escrita em coletivo de uma Carta Pedagógica e uma aula para educadores sociais sobre a rua em coautoria entre duas educadoras de rua e um educador popular do coletivo Pop Rua e jornalista



do jornal Boca de Rua, no Rio Grande do Sul. Houve também a escrita e a submissão de um resumo em evento de educação no Rio de Janeiro, em 2022, e a experiência com educadores sociais e educadores populares, lideranças comunitárias em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. Assim, falamos de nossos saberes dialogando com bell hooks e Darcy Ribeiro, homenageado nessa ocasião. Nessas escritas, encharcadas de amorosidade, estão as possibilidades de como se constroem pedagogias diversas, na busca, uma pedagogia do meio-fio.

Estamos cientes da urgência de uma educação antirracista, pois a escola dos brancos está ainda dedicada à manutenção do capitalismo e de todas as formas de segregação social – ainda que ela afirme o contrário. Precisamos estar comprometidas com uma educação significativa, nos fortalecer e nos forjar para efetivarmos uma educação engajada com a vida e com a diversidade.

Que possamos fazer da sala de aula, seja ela nas escolas, universidades ou nas ruas, um lugar de acolhida, afeto e esperança, onde os sujeitos possam “vingar” em suas particularidades e em suas potencialidades. Que possamos construir comunidades de aprendizado, pois, mesmo não sendo um “paraíso”, a sala de aula é um lugar de

(...) oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (hooks, 2013, p. 273).

Abraços afetuosos!

REFERÊNCIAS

bell, hooks. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GUERRA, Amanda. Posfácio. In: CUNHA, Verônica (Org.). **Mulheres do Ler** (vol 1). Rio de Janeiro: Editora Conexão 7, 2020.